

A EVOLUÇÃO DE UM CONCEITO: DA EAD AO DIGITALISMO

THE EVOLUTION OF A CONCEPT: FROM DISTANCE LEARNING TO DIGITALISM

Junior Aparecido Cardoso Peres¹

*¹Licenciatura Plena em Ciências Humanas (Filosofia, Sociologia, História e Ensino da Religião) pela USC – Universidade do Sagrado Coração/Bauru-SP. Tradutor de textos acadêmicos nas línguas: Grego, Latim, Espanhol e Italiano. Docente da Rede Pública de Educação do Estado de São Paulo. Mestrando em Educação pela Universidad de la Empresa (UDE)/ Montevidéo – Uruguai.
e-mail: jrphilophos@yahoo.com.br*

Prof^o Dr. Charlie Palomo²

²Professor e Doutor da Universidad de la Empresa (UDE) Montevidéo/ Uruguai. Professor e orientador dos Estudos em Educação e Digitalismo.

RESUMO

O presente artigo teve por objetivo apresentar a evolução da educação em relação ao EAD e as transformações do digitalismo, apresentando a tecnologia como inata no ser humano; ela se apresenta e desenvolve meios que facilitam sua vida e daqueles que estão ao seu redor. Justificando o escrito, o artigo apresentou que os docentes, mesmo com essência tecnológica, precisam se assumir tecnológicos para se adequarem ao darwinismo educacional. A evolução como preceito educacional; a cibercultura e a emergência da educação on-line, as especificidades de educação on-line como um fenômeno da cibercultura e a identidade educacional embasada na cibercultura foram as temáticas abordadas no escrito. Dessa forma, para que o artigo se estruturasse cientificamente, a metodologia de pesquisa foi a qualitativa com revisão bibliográfica em renomados autores com suas literaturas, chegando à conclusão de que os docentes e demais profissionais precisam se aceitar tecnológicos. Assim sendo, este escrito se destinou a pesquisadores da educação e aos docentes que buscam se aprimorar em suas atuações profissionais e levá-los à reflexão acerca da atualidade educacional.

Palavras-chave: Educação. EAD. Digitalismo. Darwinismo Educacional.

ABSTRACT

This article aims to present the evolution of education in relation to distance learning and the transformations of digitalism, presenting technology as innate in human beings. It presents itself and develops ways that make life easier for you and those around you. To justify this writing, the article argues that teachers, even with a technological essence, must assume technology to adapt to educational Darwinism. The themes ad-

dressed were the evolution as an educational precept, cyberculture, the emergence of online education, the specificities of online learning as a cyberculture phenomenon, and the educational identity based on cyberculture. Thus, to structure this article scientifically, the research methodology was qualitative, with a bibliographic review of renowned authors and their literature, concluding that teachers and other professionals need to accept technology. Therefore, this writing aims at education researchers and teachers who seek to improve their professional performance and lead them to reflect on current educational issues.

Keywords: Education. Distance learning. Digitalism. Educational Darwinism

INTRODUÇÃO

O conceito evolucionista está presente em todas as fases e Eras da vida humana levando a espécie a se adaptar, e tais adaptações são capazes de promover facilidades e benefícios para si, integrando-se no rol dos animais racionais, induzindo a evolução a ser entendida como inata no homem, obrigando a espécie humana a se aceitar e passar por esses processos que não são motivados por suas escolhas, mas pela sua essência e pelas capacidades de adaptações.

Diante dessa dialética, os conceitos tecnológicos vão se afluando, proporcionando inovações que elevam a condição humana. Dessa forma, se o homem evolui, suas ações também passam por esses processos e os métodos educacionais passam a ser uma dessas ações, também, inata em sua essência.

Diante das premissas, o presente escrito discorreu embasado em três pilares: O Ensino *on-line*, o Ensino a Distância (EAD) e a educação passando por transformações, utilizando-se da cibercultura como uma metodologia que está assumindo seu papel na presente realidade. Dessa forma, o escrito se desenvolveu envolto das ideias de três grandes autores com seus ideais e premissas voltados às tecnologias e ao digitalismo. Assim, Pierre Levy discute sobre a Cibercultura e as Tecnologias da Inteligência, as quais afluaram em demasia nos últimos tempos; André Lemos descreve que as tecnologias se tornaram um vírus na sociedade de difícil mitigação e a Cibercultura como um dos meios que se afluora na vida social dos cidadãos. Fechando este debate, Piscitelli (2008) discorre e trabalha os nativos digitais, corroborando as discussões travadas entre Levy e Lemos.

Dentro desta discussão autores como Freire (2019) e Santaella (2018) – com outros autores – fizeram parte deste trabalho apresentando suas premissas e ideais envolvendo a educação, base adjunta deste artigo, ou seja, os demais autores serviram de mediadores da discussão travada entre os três autores e nos três pilares deste artigo, mantendo harmonia ao demonstrar que a sociedade passa por mudanças, e esta por sua vez atinge o sistema educacional, precisando acompanhar as mudanças que são inevitáveis na sociedade. Os profissionais necessitam se atentar a essas alterações que ocorrem

sorratamente, levando ao crescimento e ao desenvolvimento do Darwinismo Educacional. Como prova dessas mudanças que ocorrem no sistema educacional foi inserido um quadro na página 10 retratando as gerações da EAD, dados os quais denotam que a educação acompanha as transformações sociais, e estas se pautam em sua maioria nos meios tecnológicos e digitais.

Assim, o artigo se estruturou em quatro capítulos, sendo que o primeiro abordou a evolução da educação e o Ensino a Distância (EAD), com o título de “A evolução como preceito educacional”, apresentando o ser humano sendo um Ser Tecnológico por natureza e esta evolução se aperfeiçoa diuturnamente. Em sua sequência o segundo tópico intitulado “A cibercultura e a emergência da educação *on-line*”, apresentou a tecnologia como uma cultura de massa que se dissemina pela sociedade, criando raízes cada vez mais sólidas, corroborando os dois primeiros tópicos. O terceiro apresenta as especificações da educação *on-line*, demonstrando que esta ferramenta é um fenômeno da cibercultura, proporcionando um darwinismo educacional e que os profissionais da educação precisam se assumir tecnológicos, uma vez que a sociedade em sua essência é tecnológica, sendo intitulado “Especificidades da educação *on-line* como um fenômeno da cibercultura”. Para finalizar e justificar todos os processos, é apresentado “Identidade educacional embasada na cibercultura”.

Diante dessas concepções, é possível entender que, quando o homem assume essas transformações, ele evolui antropologicamente, holisticamente e tecnologicamente, haja vista que esta última premissa é inata ao homem, pois ele busca o desenvolvimento dos movimentos, mantendo uma harmonia e criando um círculo de benfeitorias para os outros semelhantes. Sendo assim, o artigo apresenta a educação como ação tecnológica que, nos dias atuais, se mantém em íntima ligação com a cibercultura, levando os profissionais da educação a se manterem em constantes formações, adaptando-se aos novos moldes educacionais que se pautam nas estruturas cibernéticas.

Para justificar o escrito, o artigo apresentou a premissa de que grupos de docentes, mesmo possuindo uma essência tecnológica, mostram-se inseguros de assumirem essas metodologias ativas em suas aulas, colocando-se em riscos iminentes de fazerem parte do darwinismo educacional, e aqueles que se adaptarem e assumirem a tecnologia em suas ações pedagógicas, estarão mais aptos ao sistema educacional.

Para que o artigo se estruturasse cientificamente foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica em renomados autores e suas literaturas, usando de seus escritos como suportes nos quais justificaram as premissas apresentadas, chegando à conclusão de que os docentes e demais profissionais precisam se adequar e se aceitarem tecnológicos, a fim de proporcionar uma maior democratização do ensino. Assim sendo, este escrito se destinou a pesquisadores da educação e aos docentes que buscam aprimorar suas atuações pedagógicas e levá-los a reflexão acerca da atualidade educacional.

MÉTODO

O presente artigo foi elaborado a fim de apresentar o conceito evolucionista representado na passagem do sistema educacional (EAD ao Digitalismo). A Educação a Distância se fez presente no sistema educativo facilitando e atingindo os estudantes que não possuíam tempo hábil para se profissionalizar, e com o advento e avanço tecnológico o digitalismo esteve e continua se fazendo presente na vida do sistema educativo. Isso não significa que houve a democratização da educação, pois muitos estudantes ainda não possuem acesso aos meios tecnológicos digitais, mas facilitou o acesso à educação àqueles que possuem meios tecnológicos e digitais.

Diante do exposto, o artigo se pautou em uma revisão bibliográfica em renomados pensadores da educação, com cunho de pesquisa qualitativa. Foram apresentados métodos e resultados estruturados nas análises das obras selecionadas (GIL, 2008), obtendo resultados de que os profissionais da educação (como os demais) precisam se adequar e aceitar que a tecnologia está presente na vida do homem e no seio da sociedade.

De acordo com Moresi (2003), as estruturas documentais embasadas em revisões bibliográficas fornecem base científica para novas pesquisas, levando à sociedade informações que outrora eram passadas despercebidas e não valorizadas; dessa forma, ao se deparar com argumentos estruturados cientificamente, os indivíduos presentes em uma dada sociedade passam a entender ou a perceber mais claramente a realidade nos níveis macro, meso e micro.

RESULTADO E DISCUSSÕES

A evolução como preceito educacional

A evolução é um princípio inato no ser humano, por mais que ele não queira é obrigado a passar por esse processo, sendo forçosamente a realizar escolhas e sendo considerado um compromisso de liberdade, no qual, segundo Nietzsche (2014, p. 92), “está condenado a ser livre e passar pelas evoluções que não escolheu, pois em todas as ações, realizam as mais variadas formas de escolhas”. Assim, o homem dentro dessa constante dialética está preso em sua própria vida e nos preceitos evolucionistas, sendo obrigado a aceitar e se adaptar à realidade na qual se encontra.

Ao se tratar de evolução as premissas como ascense antropológica, holística e tecnológica são afloradas no ideário social, mas a presente terminologia se apresenta como “a ação dos movimentos de qualquer série e ordem onde se desenvolve continuamente e regularmente suas fases, mantendo ou criando um círculo em harmonia” (Levy, 1999, p. 34), isto é, vai além dos preceitos já preestabelecidos pela sociedade voltada à elevação antropológica, pois a evolução já se “encontra no âmago do ser humano, é um princípio

inato que não há como negar sua essência e ação no desenvolvimento global” (Freitas, 2002, p. 27), uma vez que a sociedade por si só já produz meios tecnológicos, ou seja, elementos que facilitam a sua e a vida dos demais que estão ao seu redor.

Segundo Castells (1999), a tecnologia é uma ação que facilita a vida do homem no meio onde ele se encontra, elevando sua condição em níveis de eloquência e colocando-o em patamares distintos dos demais animais, nos quais não são capazes de criar, mas de utilizar os materiais já existentes. Se o ser humano é capaz de criar novas formas de subsistência as quais facilitam sua vida e dos demais que os circundam, ele é um ser “tecnológico e esta ação se encontra em seu Ser, pois realiza ações inconscientemente na constante busca de satisfação e conforto, mesmo que em muitos casos esteja voltado a uma ação egocêntrica” (Santaella, 2018, p. 18).

A evolução acontece em todos os âmbitos e momentos da vida humana, o homem queira ou não, pois ela se encontra na essência da humanidade. O mundo passa por mudanças e concomitantemente a sociedade é atingida por estes processos. Tal premissa se corrobora ao se deparar com as ações realizadas pelo homem quando busca melhorias palpáveis e sensíveis enaltecendo seu bem estar, promovendo o uso das tecnologias, estas sendo e estando intimamente ligadas à evolução, pois através dela que o “ser humano deixa sua marca no seio da história, promovendo ações que elevam as capacidades humanas a níveis de eloquência, podendo subestimar outros seres que se assemelham a si” (Silva, 2005, p. 18).

Como a evolução e a tecnologia estão em íntima ligação e se encontram no âmago da sociedade, premissa na qual promove e distingue o ser humano das demais espécies, as formas de aprender, apreender e passar informações são princípios inatos ligados e interligados aos princípios evolucionistas de cada homem, pois é “impossível se desenvolver sem aprender ou apreender alguma informação”. (Saviani, 1973, p. 18).

Se a ação evolucionista e tecnológica é uma ação intrínseca e inata ao ser humano, as capacidades de interpretar, decodificar e passar informações também são, pois o homem precisa fazer escolhas, haja vista que sua vida é constituída de escolhas e ele é execrado às práticas de tais ações (Nietzsche, 2014) por conta da sua condição humana e capacidade de criar subsídios para facilitar sua vida e dos demais que estão ao seu redor. Assim, o princípio educacional também é uma ação inata e intrínseca ao ser humano, além de ser o meio que eleva cada indivíduo a oferecer seu melhor a cada dia, pois a educação “é um processo contínuo onde desenvolve as faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano, melhorando uma integração na sociedade ou no seu próprio grupo” (Silva, 2005 p. 28), ou seja, o homem é capaz de crescer nos aspectos antropológicos, holísticos e morais diante de uma ação educativa, sendo este um princípio arraigado no seio da sociedade, facilitando o homem a se enxergar como evolutivo e tecnológico (Levy, 1996).

Nesse contexto, o homem, por ser um Ser evolucionista, tecnológico e em constante evolução, sendo estas também inatas em seu ser, tendo os princípios educativos como instrumentos filtrantes e lapidando o desenvolvimento do homem, a educação se torna um instrumento em constante transformação, pois se o homem evolui, ela evolui e acompanha estas mudanças que servirão como meio de formação e lapidação de outros indivíduos “nesse processo contínuo de desenvolvimento e integração com o meio” (Silva, 2005, p. 29).

É de extrema valia que os profissionais da educação se vejam e se conscientizem diante dessa nova conjuntura educacional, “onde a tecnologia não é um preceito, mas uma ação que se preocupa e se arraiga dia após dia no ideário social” (Morozov, 2020, p. 15), sendo a promotora de um darwinismo social e educacional, aos quais prevalecerão os adaptados a esta nova realidade que não se estagna, pois a tecnologia, a evolução e a educação sempre fizeram parte de uma sociedade tecnológica e caminham juntas, se encontrando com uma nova roupagem.

Segundo Santos (2016), em pleno século XXI, a concepção de educação bancária não pode ser vista como a prevalecente, pois a presente geração possui todas as informações em tempo real e é protagonista de sua educação, haja vista que “a educação é um princípio inato no ser humano, precisando de um instrutor para lapidar e instruir cada estudante em como se portar diante das informações que vão ao seu encontro, sendo por sinal, inúmeras e de várias fontes” (Santaella, 2018, p.31), possuindo conteúdos e contextos variados, sendo verídicos ou não.

A presença física do docente em sala de aula não é mais a primordial, isto é, o professor como o mediador do “conhecimento que a aluno carrega consigo ou apreende com o passar dos anos e por influência do meio” (Freire, 2019, p. 21) pode estar em todos os lugares e de forma remota, proporcionando a democratização do ensino aos públicos que possuem acesso aos meios digitais.

Com o advento dos meios tecnológicos e a cibercultura, foi proporcionado acesso aos conteúdos e ao ensino de forma livre e democrática, chegando a todos os espaços e momentos (aos que possuem acesso aos meios digitais), criando nos estudantes disciplina e responsabilidade, além de incentivar a pesquisa acadêmica (Santos, 2005), como também, a gênese de novas metodologias e formas de avaliar, pois os processos avaliativos nas quais são “ferramentas que levam os estudantes e os docentes a perceberem as falhas, buscando saná-las, e não como meio de punição, utilizados com este intuito por muitos anos no sistema educativo”. (Saviani, 1973, p. 37).

Segundo Lemos (2020),

A cibercultura vem promovendo novas possibilidades de socialização e aprendizagem mediadas pelo ciberespaço e, no caso específico da educação, pelos ambientes virtuais de aprendizagem. A cibercultura é a cultura contemporânea estruturada pelas tecnologias digitais. Não é uma utopia, é o presente; vivemos a cibercultura, seja como autores e atores incluídos no acesso e uso criativo das tecnologias de informação e comunicação ou como excluídos digitais. A exclusão digital é um novo segmento da exclusão social mais ampla. (Lemos, 2020, p. 69).

Lemos (2020, p. 12) expõe que “a cibercultura é uma forma sociocultural na qual emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias emergidas da convergência das telecomunicações na década de 70”, apresentando que a EAD não é uma evolução, mas premissas que já existiam na essência da sociedade, mas adormecida, desta forma a “cibercultura é um fenômeno que apenas se aflorou por conta da evolução tecnológica, sendo oriunda e presente no Ser da humanidade” (Levy, 1996, p. 41).

A educação é um preceito que se encontra em todas as esferas, ela rompe barreiras, sendo elevada a eventos metafísicos os quais proporcionam o acesso à informação sem a necessidade da existência da materialidade, pois ela se encontra em todas as esferas, desde as mais triviais às mais formais, se encontrando em todas as sociedades.

Ao tratarmos de educação, não nos pautamos somente na transmissão de conhecimento com a presença física de um docente ou profissional legalmente instituído por uma instituição ou órgão, mas as passagens de formas de conhecimento no qual apresentam um princípio moral, levando o indivíduo viver bem consigo e com os demais que estão ao convívio.

A educação se pauta em uma transcendência que se esvai além do físico, atendendo demandas antropológicas as quais podem ser consideradas hermeneuticamente impossíveis dependendo das interpretações. Assim, a educação em seu contexto não se pauta somente em uma instituição física com profissionais físicos apresentando conteúdos preestabelecidos por um currículo; ela está em ambas as esferas e âmbitos, mesmo nos lugares mais ermos nos quais o acesso dos meios tecnológicos se tornam fragilizados devido à limitação tecnológica e social, porém isso não desabona a essência educacional que está na formação antropológica, social e holística do ser humano.

Diante desse pressuposto a EAD pode ser interpretada de várias formas, desde uma mensagem passada por um mensageiro, criando um princípio moral através de cartas até as plataformas digitais facilitando o acesso à educação e às informações. Os espaços com difícil acesso físico, mas com acesso à internet, levam à democratização da educação (Santaella, 2018), mas esta ação não pode ser generalizada, pois existem inúmeros lugares sem o acesso às redes de internet, fragilizando a democratização da educação. Ocorre que tal premissa não desabona a essência educacional que se encontra

na formação do Homem, e essa educação pode chegar com um simples debate com as pessoas mais velhas de uma tribo passando suas experiências aos mais jovens, e estes, por sua vez, repassando aos demais com didáticas orais, chegando a outros grupos essas mensagens.

Se utilizar da forma educacional na qual emprega a internet ou outros meios de comunicação, a educação é transportada a todos os espaços e lugares, gerando uma facilidade no acesso da aprendizagem, pois o sistema EAD permite que estudantes consigam com mais praticidade o acesso aos conteúdos de qualquer lugar e nos seus horários livres, se tornando uma alternativa para quem busca flexibilidade no seu processo educacional (Santaella, 2018).

Segundo Silva (2005), a EAD, mesmo com algumas limitações em relação ao acesso, pode ser considerada um dos meios que facilitam o acesso à formação, pois,

Um dos aspectos mais notórios deste método é justamente o uso da tecnologia, que permite a transmissão de conhecimento sem a necessidade de o estudante estar dentro de uma sala de aula. Atualmente, o EAD é válido para todos os níveis de ensino e o diploma emitido vale tanto quanto o de uma graduação presencial (Silva, 2005, p. 29).

A população passou a ter acesso a esta modalidade de ensino com a Lei nº 9.394 de 1996, a qual regulamentava e tornava válida a educação por meio do cumprimento de uma determinada carga horária, de acordo com o curso ou escolarização e as atividades são destinadas às plataformas digitais. Tal credenciamento foi autorizado em alguns países da América Latina a partir de 1999 com aceitação das faculdades (Silva, 2005). Dessa forma, com esse formato, o método foi se aprimorando promovendo cursos por todo o mundo de forma *on-line*, permitindo que a sociedade se qualificasse e aperfeiçoasse seus conhecimentos através das plataformas digitais, as quais se destacavam e continuam se destacando pela suas capacidades de flexibilizar e oferecer comodidade aos estudos.

Diante destas propostas de ensino, esta modalidade passou por muitas mudanças e evoluções, premissas às quais foram se adaptando de acordo com as realidades sociais e econômicas de cada país ou sociedade que aceitava os estudos de forma remota ou a distância. Ainda há muitos lugares e países que não conseguem ter acesso a esta modalidade de ensino devido à escassez econômica e ao baixo desenvolvimento social, mas as sociedades que obtiveram acesso aos meios de comunicação com maior facilidade à EAD passaram por algumas mudanças como apresenta o Quadro 1.

Quadro 1 – Gerações da EaD

GERAÇÕES DA EAD	TECNOLOGIAS UTILIZADAS
Primeira Geração – 1850 a 1960	Começa via papel impresso e anos mais tarde ganha a participação do rádio e da televisão. Característica: uma tecnologia predominante.
Segunda Geração – 1960 a 1985	Os meios são fitas de áudio, televisão, fitas de vídeo, fax e papel impresso. Característica: múltiplas tecnologias sem computadores.
Terceira Geração – 1985 a 1995	Correio eletrônico, papel impresso, sessões de <i>chat</i> , mediante uso de computadores, internet, cd, videoconferência e fax. Característica: múltiplas tecnologias incluindo os computadores e as redes de computadores.
Quarta Geração – 1995 a 2005 (estimado)	Correio eletrônico, <i>chat</i> , computador, internet, transmissões em banda larga, interação por vídeo ao vivo, videoconferência, fax, papel impresso. Característica: múltiplas tecnologias incluindo o começo das tecnologias computacionais de banda larga.
Quinta Geração	Identificada por James C. Taylor como sendo a reunião de tudo o que a quarta geração oferece mais a comunicação via computadores com sistemas de respostas automatizadas, além de acesso via portal a processos institucionais. Enquanto a quarta geração é determinada pela aprendizagem flexível, a quinta é determinada por aprendizagem flexível e inteligente.

Fonte: <http://portal.webaula.com.br/noticia.aspx?sm=noticias&codnoticia=195>, 2022

Nessa perspectiva a EAD passou a se desenvolver e crescer no ambiente virtual sendo disponibilizada em inúmeras plataformas digitais com cursos e aulas as quais podem ser anexadas ou criadas para acesso imediato do aluno, facilitando o acesso e valorizando o digitalismo na vida dos seus usuários, além de muitas outras ferramentas que proporcionam a facilidade educacional e o digitalismo que se aflorem dia a dia.

De acordo com Santos (2016), a EAD se apresentou no Brasil a partir de 1996 no ensino superior. Esta modalidade já existia nos cursos técnicos através dos correios, mas só naquele ano foi aceita como ferramenta educacional. Dessa forma, é possível entender que ela foi se aprimorando e amadurecendo para as graduações assumirem esse papel no sistema educativo.

Com o passar dos anos foi possível entender e compreender a evolução da EAD com suas conjunturas e meios utilizados para seu desenvolvimento, corroborando a premissa inicial na qual defende que a Evolução e a Tecnologia são ações intrínsecas e

inatas ao Ser Humano, pois cada fase das gerações, por ela passada, demonstra a ação humana no decorrer dos anos, promovendo crescimento industrial, intelectual, holístico e tecnológico, buscando não apenas o bem pessoal, mas comunitário. Tal premissa vai ao encontro dos princípios educacionais pregando a “mútua aprendizagem, ou seja, o educando aprende com o educador e este por sua vez aprende e apreende com o educando” (Freire, 2019, p. 51), elevando o indivíduo a se ver como protagonista de sua formação.

Santos (2016) expõe que, com os ambientes virtuais e o nascimento da internet, os programas EAD sofreram alterações, pois antes eram difundidos pelos Correios e, com o advento dos meios tecnológicos, apresentaram uma maior facilidade de acesso. No entanto, uma prerrogativa surgiu, já que “antes da internet as aulas EAD eram ministradas via Correios, facilitando o acesso a todos os públicos; com o advento da internet, poucos possuíam estes aparatos, limitando e criando uma segregação” (p. 22), pois quem possuía acesso à internet eram aqueles com maior poder aquisitivo.

De acordo com Levy (1999),

Os ambientes virtuais potencializam um processo de ensino-aprendizagem mais interativo, por conta das potencialidades de suas interfaces de comunicação síncronas e assíncronas. Contudo, os paradigmas educacionais, na maior parte dos cursos, ainda se centravam na pedagogia da transmissão, na lógica da mídia de massa, na autoaprendizagem e nos modelos de tutoria reativa. O online é só uma tecnologia. A metodologia e a atuação docente ainda se baseavam nas clássicas lógicas da EAD de massa. (Levy, 1999, p. 51).

Embasado no escrito de Levy (1999), é perceptível que a educação sempre passou por mudanças e continuará nesta dialética além de um alucinante frenesi social e tecnológico, no qual se evidencia suas mutações e “muitos profissionais ainda não assumiram seu papel diante desta nova realidade” (Piscitelli, 2008, p. 69). Assim, a educação ocupa seu espaço em um ciberespaço, conhecido como “Inteligência Coletiva” (Levy, 1996, p. 37); nesse espaço todos os indivíduos com acesso à internet terão a possibilidade de acessar as informações e materializar os fenômenos educacionais sem a necessidade de estar fisicamente na instituição, ou seja, diante de uma tela de computador, *tablet* ou celular o estudante tem acesso a uma turbamulta de informações e estar em sua sala de aula virtual.

Diante dessa realidade as manifestações ciberculturais democratizaram a educação (aos possuintes dos meios digitais) proporcionando facilidade e agilidade no acesso aos conteúdos acadêmicos, além de promover aos docentes a criação de novas pedagogias, atendendo seus públicos nas mais variadas culturas (Haraway, 2020).

A cibercultura e a emergência da educação *on-line*

Com o passar dos anos e o advento das tecnologias, os meios tecnológicos levaram e elevaram as capacidades humanas de buscar melhorias para o meio no qual estiveram inseridos, e sendo esta uma ação inerente às suas necessidades; tais ações estão presentes em sua condição, pois o homem busca em suas obras o aperfeiçoamento de sua vivência e estas experiências determinam as tecnologias “presentes e arraigadas em sua essência como um DNA” (Santaella, 2018, p. 72), levando a cibercultura a fazer parte da vida do homem, sendo que esta ação sempre se fez presente em sua vida, seguindo os padrões e costumes de cada era.

Diante dessa nova realidade “as tecnologias digitais de informação e comunicação se caracterizam por uma nova forma de materialização” (Levy, 1996, p.49), materialização presente em uma sociedade que ainda não se percebe tecnológica e reluta por mudanças, sendo que ela mesma sofreu e sofre inúmeras variações, isto é, os indivíduos relutam por mudanças, sendo que a sua essência é mutante e evolucionista (Gomes, 2018).

Com esse frenesi e as mudanças que ocorrem diuturnamente, os processos tecnológicos comunicacionais sofrem mutações e vão se aperfeiçoando ao longo da história, deixando claras as mudanças que ocorrerem ao longo destes períodos, “estas ações podem ser entendidas como as transmutações dos suportes, como a comunicação transmitida via madeiras, pedras, papiro, papel e a necessidade de um corpo (professor)” (Santos, 2016, p. 61).

Atualmente há necessidade apenas de Códigos Digitais Universais (CDU) sendo estes utilizados pelo mundo sem as suas percepções, passando e levando informações a todos os indivíduos, além de provocar “mudanças radicais na sociedade por conta do processo de digitalização, assim, uma nova revolução emerge: a revolução digital” (Gomes, 2018, p. 41).

Segundo Haraway (2020, p. 31), “a digitalização da informação pode ser considerada a democratização de um povo que por anos viveu sem ter as informações como um todo”, pois as informações demoravam em chegar ao conhecimento de uma dada sociedade, e quando recebida poderiam encontrar-se desatualizadas e sem contextos, desta forma, “a informação representa o principal ingrediente da organização social e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico da estrutura social” (Castells, 1999, p. 195).

A educação passou e passa por esses problemas, se apresentando não democrática, pois mesmo diante de uma sociedade globalizada, ainda não se adaptou às novas concepções e preceitos informacionais nos quais a tecnologia está se aportando e podendo ser implantados “novos processos criativos sendo potencializados pelos fluxos socio-

técnicos de ambientes virtuais de aprendizagem se utilizam do digital como suporte, a exemplo o ciberespaço” (Levy, 1999, p. 79).

Segundo Levy (1999),

O ciberespaço surge não só por conta da digitalização, evolução da informática e suas interfaces, própria dos computadores individuais, mas da interconexão mundial entre computadores, popularmente conhecida como internet. Da máquina de calcular à internet, muita coisa mudou e vem mudando no ciberespaço. Essa mudança se caracteriza, dentre outros fatores, pelo movimento do faça você mesmo. O ciberespaço é muito mais que um meio de comunicação ou mídia. (Levy, 1999, p. 88)

Por conta destas mudanças que ocorrem com o nascimento da internet e suas formas de atingir o indivíduo, a educação precisa acompanhar as transformações, haja vista que ela passou e passa por mudanças com a gênese da EAD e suas melhorias, mas precisa se adaptar para chegar ao considerado essencial a fim de democratizar o preceito educativo em um conceito macro, atingindo de forma lúcida e eloquente os estudantes e que formem neste público uma capacidade crítica, premissa auxiliante no desenvolvimento humano.

Segundo Lemos (2021),

As tecnologias proposicionais destacam-se das demais pela capacidade de articulação e convergência com as tecnologias anteriores, seja no aspecto da linguagem, articulando a oralidade, a escrita e o próprio digital, seja no aspecto dos artefatos que convergem máquinas musculares, sensoriais e cerebrais. O digital vem transformando todas as mídias em conversão de sons de todas as espécies, imagens de todos os tipos, gráficas ou videográficas e textos escritos em formatos legíveis pelo computador. (Lemos, 2021, p.61).

Embasado nessas premissas, o uso da cibercultura no sistema educativo pode ser uma ação que mudará por completo o contexto educacional, haja vista que por anos os preceitos educacionais se pautavam na presença do docente em sala de aula e ele sendo o detentor da verdade; já no espaço cibernético o estudante é responsável pela sua educação e possui íntima ligação com as informações (Freire, 2019), colocando o docente como mediador do conhecimento que o estudante angariará no decorrer dos estudos.

Estruturados pelos próprios estudantes, o ambiente cultural sociotécnico proporcionará subsídios capazes de elevar as concepções hermenêuticas com o desenvolvimento de habilidades e competências em cada estudante, além da auto-organização, pois o ambiente organizacional dos espaços cibernéticos das aulas proporcionarão momentos de “discussões pluralistas, reforçando competências diferenciadas, aproveitando o conhecimento angariado com suas pesquisas pessoais ou por experiências, potencializando as trocas de competências” (Silva, 2005, p. 79), gerando e oportunizando a difusão de novos saberes, gerando a democracia do saber.

O ensino através das plataformas digitais eleva a tecnologia e o homem como responsável e criador do seu próprio saber, este embasado em suas formas de interpretar o mundo e suas experiências (Freire, 2019), haja vista, que o homem é um pedagogo por natureza, ou seja, ele nasce, cresce e envelhece ensinando e aprendendo. Dessa forma, a educação não pode se estagnar em simples formas de aprendizagens ou apreensões, ela precisa ser livre a ponto de proporcionar a liberdade a outros indivíduos, pois “a educação em si é libertadora, levando o homem a se ver como um indivíduo capaz de muitos feitos e se ver além daquilo que lhe é apresentado” (Freire, 2019, p. 71), e através dos ambientes virtuais a democratização da educação se faz presente.

Assim sendo, o conceito de cibercultura leva à simbiose humana e ao desenvolvimento da tecnologia digital (PISCITELLI, 2008), proporcionando um processo educacional voltado à produção e à coprodução cultural, pessoal e coletiva, elevando o homem a níveis de eloquência holística e antropológica, se vendo como protagonista e único responsável pela sua formação e desenvolvimento.

Especificidades de educação *on-line* como um fenômeno da cibercultura

Como o ser humano é um Ser tecnológico por natureza, a educação é um processo intrínseco que se apresenta no seio da sociedade como os processos tecnológicos, sendo e estando nas raízes dos indivíduos mesmo sem perceber este processo. Dessa forma, a tecnologia se torna uma ação imprescindível para sua sobrevivência e estada na sociedade, “se promovendo no Darwinismo Educacional, onde não fica o mais forte, mas aquele que possui maior facilidade de adaptações” (Gomes, 2018, p. 77), premissa que evolui diuturnamente, inserindo os profissionais da educação na cibercultura, mesmo que seja forçosamente e levando-os a repensarem suas pedagogias e técnicas de atingir o aluno, haja vista que tal público muda de acordo com a realidade de cada sociedade e períodos.

De acordo com Santos (2016), a educação *on-line* elevou os níveis de educação promovendo a evolução dos docentes, libertando-os dos conceitos da educação bancária, a qual “oprime toda forma de saber existente em cada aluno e insere um conteúdo fora do seu contexto, não o auxiliando na sua vida profissional” (Freire, 2019, p. 58), além de levar os docentes às reflexões acerca de suas atuações em sala de aula. No entanto, grande parte desses profissionais ainda relutam, mesmo inseridos neste contexto e sabendo dos avanços da tecnologia, em aceitar e iniciar as mudanças necessárias para a sua e a vida dos que estão ao seu redor.

Segundo Morozov (2020),

Cada vez mais sujeitos e grupos-sujeito, empresas, organizações, enfim, espaços multirreferenciais de aprendizagem vêm promovendo a difusão cultural de suas ideias, potencializando a democratização da informação, da comunicação e da aprendizagem entre indivíduos geograficamente dispersos, seja como elemento potencializador da educação presencial e ou da educação a distância. (Morozov, 2020, p. 41).

A internet promoveu o acesso fácil às informações e às aulas *on-line* democratizando as informações e agregando características convergentes à antiga forma educativa, na qual o mundo ainda não possuía tantos aparatos tecnológicos como as mídias e suas linguagens hibridizantes, massificando as informações como fizeram a partir do século XX e continuam a fazer até os dias atuais, promovendo um encontro sincrônico entre o homem e máquina, se apropriando de “interfaces onde permite produzir conhecimentos num processo de autoria e cocriação” (Morozovi, 2020, p. 91).

Estando no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), no qual “uma organização viva, em que seres humanos e objetos técnicos interagem num processo complexo de auto-organização na dialogia de suas redes de conexões” (SANTOS, 2005, p. 77), sendo estes objetos técnicos que estavam na intenção da humanidade para facilitar a sua vida em sociedade, muitos indivíduos os enxergam como meios que dificultam suas capacidades profissionais e antropológicas.

Nos AVAs, as práticas convencionais do EAD ficaram mais fáceis e acessíveis, promovendo a autoaprendizagem e apresentando características fundamentais na busca pela formação pessoal e profissional, haja vista que cada estudante consegue pesquisar novos conteúdos acerca do proposto pelo currículo de cada estado ou país, impelindo o estudante a combinar informações da disciplina com conteúdos que fazem parte da sua bagagem cultural e, quiçá, profissional, estando o docente presente em todos os momentos para sanar suas dúvidas e orientá-los.

Assim, a cibercultura proporciona a democratização da informação e da educação (aos grupos que possuem acesso às Tecnologias da Informação), socializando a aprendizagem com indivíduos materialmente distantes, mas, ao mesmo tempo, próximos; porém, é preciso que tal processo passe por uma organização educativa contemplando as potencialidades, habilidades e as competências de cada estudante, levando-os a se perceberem como membros de uma sociedade da qual precisa que os indivíduos se vejam e se assumam tecnológicos, mas sem prejudicar sua vida social.

Levy (1999) observa que,

A cibercultura se constitui de novas possibilidades de socialização e aprendizagem mediadas pelo ciberespaço e no caso específico da educação formal pelos AVAs. Nesse sentido, é fundamental nos preocuparmos com a organização do projeto educacional que contemple as potencialidades do hipertexto, da interatividade e da simulação nestes novos espaços do saber. Potencialidades estas que não são excludentes entre si e que não são conceitos emergentes da cibercultura, mas que são por ela potencializados. (Levy, 1999, p. 91).

Estas possibilidades caracterizam o crescimento da humanidade e com ela os preceitos sociais que diuturnamente se apresentam em transformações e ações que promovem no ser humano uma ascense holística e fundamental para os princípios morais

e determinantes para uma vivência sólida e eloquente diante de qualquer conjuntura social onde estiver inserido.

Identidade educacional embasada na cibercultura

A educação é uma das ações mais importantes que podem ser desenvolvidas em uma sociedade cibernética, mas é preciso se perguntar qual identidade que ela assume frente aos preceitos tecnológicos que se afluem dia a dia e diante da relutância de muitos docentes em não aceitar ou em não se adaptar diante das premissas tecnológicas desta sociedade que se apresenta cada vez mais cibernética.

Segundo Piscitelli (2008), os indivíduos são nativos digitais que estão em busca de se entender diante de si mesmos e da sociedade que está em mudanças; estas mudanças são provocadas pelos próprios indivíduos e, neste frenesi, não conseguem superar as expectativas e os resultados que advêm da sua própria essência, uma vez que o homem é um ser tecnológico.

Diante desse conceito, a educação passa por mudanças e cria sua própria identidade se adequando com o passar dos anos, mesmo sem a autorização dos seus profissionais ou pesquisadores, pois “a educação é fruto do tempo e ele é responsável pelas suas adequações diante da sociedade e do seu meio” (Piscitelli, 2008, p. 43) demandando que seus profissionais sejam “docentes poli alfabetizados” (p. 44), ou seja, docentes que estejam aptos a alfabetizar em todas as esferas educacionais.

De acordo com Santos (2016),

A identidade educacional se refere às características que especificam algum preceito onde denota que a identidade, não é estática. Ao contrário, ela está em permanente elaboração, num contexto social de interação de indivíduos e grupos, implicando reconhecimento recíproco. (Santos, 2016, p. 91).

A identidade educacional não se pauta em uma estagnação na qual não se podem mudar os preceitos preestabelecidos, haja vista que a sociedade está em mudanças e o ser humano em sua essência se encontra em transformações, evoluindo constantemente; a identidade educacional do século XXI está se estruturando na cibercultura (LEVY, 1999), necessitando que os docentes estejam dispostos às mudanças, princípio distante da realidade de muitos profissionais por medo ou insegurança, mas para que estes se mantenham conectados à rede educacional, precisarão repensar suas metodologias de ensino.

Palfrey e Gasser (2011, p. 13) quando afirmam que “os docentes mesmos possuindo uma essência tecnológica têm medo de assumir estes meios em suas aulas”, denotam que tais profissionais ainda possuem inseguranças de se entregarem e prepararem suas aulas com aportes das tecnologias digitais por inúmeros motivos, e um deles é a inse-

gurança de saber que esta premissa é evolutiva e ser cobrado pelos seus superiores a utilização destes suportes nas demais aulas.

Uma aula preparada com as tecnologias promove a assimilação dos conteúdos propostos com mais facilidade, bem como deixar a aula mais lúdica e atrativa (Piscitelli, 2008), ponto que, também, pode deixar estes profissionais preocupados. Como muitos não possuem o domínio das ferramentas digitais, a insegurança da desordem e do caos em sala de aula que pode se tornar iminente, limita a utilização destes meios no desenvolvimento das suas aulas.

A educação está se estruturando e sendo arquitetada de acordo com o meio no qual está inserida, levando em consideração os segmentos e as necessidades que se apresentam com o passar do tempo, elevando os valores e as crenças. A atual educação busca se firmar nos preceitos tecnológicos e cibernéticos, chegando a “lugares que outrora eram quase impossíveis de chegar por motivos relacionados às distâncias, fatores econômicos e sociais, proporcionando assim a construção de uma cidadania democrática e justa” (Haraway, 2020, p. 104), haja vista que o conceito de democracia e justiça se enquadraria com maior veracidade se todos, sem distinção, os cidadãos tivessem acesso a estes meios, premissa que infelizmente é a realidade de muitas regiões do estado brasileiro e mundial.

A democracia e a justiça educacional citadas por Haraway (2020) se justificam nos países e regiões possuintes dos suportes tecnológicos. Diante desta circunstância é possível entender o pensamento do autor, pois o preceito educacional e justo se aportou levando a educação e a informação, base de todo princípio educacional, a lugares que outrora eram de difícil acesso, bem como facilitar o acesso aos estudos, escolhendo o melhor horário para acessar as plataformas digitais, sem a necessidade da presencialidade em sala de aula.

Para que esta identidade se torne ainda mais contundente, a educação precisa ser vista como linguagem, ou seja, uma forma que atinja a todos sem discriminações ou limitações (Peirce, 1977), pois ela “é um instrumento que nos permite pensar e comunicar o pensamento, estabelecer diálogos com os nossos semelhantes e dar sentido à realidade” (p. 52) e a cibercultura proporciona tal feito ao proporcionar que todos, sem distinções de credo, raça ou orientações particulares acessem aos conteúdos das redes cibernéticas (Levy, 1999). Assim, ao se deparar com esta democratização nos docentes *youtubers*, postando seus materiais e conteúdos acadêmicos nas redes sociais ou em plataformas digitais, demonstram que acima de tudo se adaptaram e perceberam que precisaram se assumir tecnológicos.

Segundo Peirce (1977), a linguagem permite que os signos cheguem a todos os lugares e espaços, assim, a presente educação se apresenta diante da conjuntura edu-

cacional que permeia o século XXI com os suportes cibernéticos proporcionando seu acesso a lugares e momentos que outrora teriam maiores limitações, haja vista que a “estrutura de uma linguagem se concretiza nos signos, isto é, em sinais que apresentam definições nos quais representam conceitos e contextos” (Peirce, 1977, p. 131). A educação do século XXI apresenta novas características, tendo maiores facilidades de atingir e se apresentar aos públicos que possuem acesso aos meios digitais, nos mais variados espaços e tempos.

Traçando um paralelo entre os séculos XVIII (marcando a humanidade pelos feitos iluministas) e o XXI, considerado o século das tecnologias e do darwinismo educacional, é possível perceber que houve uma ruptura de paradigmas educacionais, estando a educação com uma nova roupagem (Gomes, 2018), além de esboçar uma dicotomia entre os profissionais da educação sendo os tecnológicos digitais e não tecnológicos digitais, ou seja, aqueles que se adaptaram às novas conjecturas educacionais e os que ainda relutam em se adaptar às novas formas de ensinar (FREIRE, 2019). Desta forma, os profissionais que não buscarem se inovar, correm riscos de serem trocados por outros com conhecimentos e bases ciberculturais.

Saviani (1973) expõe que,

O que se requer da escola e do sistema educativo nesta atual circunstância é que na mudança, permaneça nela um espaço para a criação de um mundo sem cátedras, sem privilégios e sem medo. Para isso, é necessária uma atitude verdadeiramente crítica de seus gestores, um olhar profundo e abrangente para ver o que deve permanecer e o que precisa ser modificado. Sem esquecer a coragem para realizar as transformações necessárias. (Saviani, 1973, p. 55).

Diante destas realidades as potencialidades das tecnologias de informação, em relação aos ambientes virtuais de aprendizagem, proporcionam a estruturação das práticas educacionais buscando a qualidade na educação, nesta modalidade e os contextos cibernéticos ganham maior potencialidade devido à plasticidade digital e sua versatilidade, atingindo variados públicos com suas interfaces e interatividades, devendo ser entendida como um conceito comunicacional e não computacional. A educação deve ser vista como uma linguagem interativa e com atitude intencional de se comunicar com o outro, cocriando uma nova mensagem (Piscitelli, 2008).

Assim sendo, a tecnologia se aflora levando a sociedade em seu contexto macro a rever seus conceitos informacionais, computacionais e educacionais, induzindo a educação às transformações – haja vista que tal premissa ocorre desde os primórdios dos tempos – além de levar os docentes e demais indivíduos a se adaptarem às mudanças que ocorrem diuturnamente, promovendo o crescimento e o desenvolvimento de uma cultura cibernética e concomitantemente educacional, proporcionando uma interatividade nas mudanças de perspectivas educativas. Diante desse conceito a educação cria

uma nova identidade, com nova roupagem de ensino, presente e inserida na cibercultura, ação pela qual nunca se estagnar, uma vez que a essência humana é tecnológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem é um ser em constante evolução e desenvolvimento antropológico, holístico e tecnológico, tal premissa se corrobora ao se deparar com a teoria da evolução apresentando um animal se adaptando diante das realidades e elaborando instrumentos nos quais promoviam qualidade de vida e meios que facilitariam a sua sobrevivência. Assim, é possível entender que este animal, também, pode ser considerado tecnológico, capaz de produzir insumos e materiais que promovem o seu bem-estar e dos demais que estão ao seu redor.

Se este animal é capaz de produzir materiais que facilitam sua sobrevivência, também é capaz de transmitir informações que elevam e ensinam outros animais semelhantes a si, levando-os a praticarem as mesmas ações e aperfeiçoá-las de acordo com as suas realidades e necessidades. Assim, acredita que a evolução e a tecnologia são preceitos inatos na essência do homem, como também a capacidade de transmitir informações e ensinar são premissas válidas, pois a transmissão de informações, não importando o seu contexto, pode ser entendida como princípios educacionais.

A tecnologia e a evolução também são inatas ao homem, não vivendo separadamente, haja vista que evoluir gera aprendizagens, estas por sua vez promovem o nascimento de novos preceitos e concomitantemente agenciam a capacidade de ensinar outros semelhantes, se tonando assim, uma grande dialética evolucionista.

Diante destes expostos o artigo teve por objetivo apresentar a evolução da educação em relação ao EAD e às transformações do digitalismo, apresentando a tecnologia como uma ação inata no ser humano, que se apresenta em desenvolvimento com meios que facilitam a vida do homem e daqueles que estão ao seu redor. Por sua vez, a educação embasada nos meios tecnológicos e digitais seria um destes meios que facilitariam o desenvolvimento do homem em todas as suas esferas (micro, meso e macro), porém, um dos responsáveis, de acordo com os paradigmas e convenções sociais por esta evolução do homem, seria o professor. No entanto, mesmo sendo um ser que deveria se adaptar às mudanças sociais que ocorrem no decorrer dos anos, ainda se sente inseguro diante de tantas transformações que ocorrem de forma abrupta, gerando medos e inseguranças.

É possível perceber que a educação, além de ser inata ao homem, está em íntima consonância com a tecnologia e a evolução. Como vimos, com o passar dos anos houve a evolução do sistema educativo no qual as aulas presenciais passaram a ser a distância em cursos profissionalizantes e, depois, nos ensinos formais, apresentando a evolução da

sociedade e do homem em seu contexto macro e global, além de democratizar o ensino e as informações. Tal democratização se pauta naqueles possuidores de aparelhos digitais proporcionando acesso às informações, mas dificultando e limitando o acesso a estas em relação àqueles que, por inúmeros motivos (financeiros, espaciais, pouca mobilidade com os meios tecnológicos e outros), não podem ou conseguem acessar as demandas educacionais e informacionais.

Diante da dicotomia entre professor detentor do conhecimento e a EAD, é perceptível ver que a democracia educacional ainda está distante do ideal, ou seja, estar em todos os espaços e meios, atingindo todos os estudantes, ainda é utópico, pois aquele ator social que não possui acesso aos meios tecnológicos e digitais fica fragilizado, precisando da presença física do professor, este considerado por muitos outros profissionais e pela sociedade na educação bancária o detentor de todo o conhecimento.

Com o advento da EAD, o professor passou a ser o mediador dos preceitos cognoscíveis; tal premissa não pode ser descartada, pois este profissional possui a responsabilidade de mediar o conhecimento que cada aluno carrega consigo. Isso não significa que o docente perdeu suas capacidades ou sua posição, mas evoluiu e aprimorou suas ações pedagógicas diante da realidade assolada, haja vista que o homem por natureza está em constante evolução. Assim, o docente, junto dos princípios educativos e dos atores sociais, também continua evoluindo.

Como o ser humano está em evolução, a educação também se encontra no mesmo nível, desta forma a cibercultura é a cultura do século XXI, pois as informações estão em tempo real democratizando a educação, aos que possuem acesso às formas digitais, levando informações a todos os espaços e públicos. Para que o docente não fique obsoleto e corra o risco de integrar o rol dos não adaptados e se inserir no darwinismo educacional, é importante que busque interagir com os preceitos cibernéticos, sendo que não há a necessidade de ser profissional da Tecnologia da Informação, mas conhecer e trabalhar com os insumos e materiais que facilitam a transmissão dos conhecimentos, uma vez que o homem por natureza é tecnológico e na atual conjuntura, cibernético.

Por ser um artigo científico, o estudo se voltou especificamente em apresentar os principais pontos da evolução educacional embasada no desenvolvimento tecnológico e digital, devido a isso o escrito pode ser complementado com um novo artigo apresentando se a Educação EAD e a *on-line* Trouxeram Malefícios ou Benefícios para a comunidade dos atores sociais em tempos de pandemia, uma vez que as escolas de ensino formal e demais instituições de ensino não são, somente, um dos espaços nos quais transmitem conhecimentos, mas lugares de socialização e aperfeiçoamento cultural (Freire, 2019). Assim sendo, este artigo deixa em aberto e sugere uma análise das instituições escolares de ensino fundamental e médio da rede pública ou privada de ensino em tempos de Pandemia de Covid-19 do Estado de São Paulo ou demais estados do território brasileiro.

É sabido que muitos estudos se pautaram nesta temática durante o período de distanciamento social, mas nunca é demais analisar como os atores das instituições do ensino público ou privado se pautaram e se comportaram neste período diante da realidade que os assolaram. Muitos atores sociais usuários destes ensinamentos não possuíam acesso às tecnologias digitais, dificultando a aquisição de conteúdos do currículo. Assim, a análise se pautaria se o Distanciamento social e a Pandemia afetaram de forma que estes atores não atingissem o mínimo das competências e habilidades necessárias para continuarem sua formação no ensino médio e profissionalizante, e se houve defasagem educacional neste processo, quais foram estas e como sanar as lacunas educacionais deixadas por este período.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREITAS, Armando. A escrita de adolescentes na Internet. **Psicologia Clínica**, v. 12, n. 2, 2002, p. 171-188.

GIL, Armando. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2008.

GOMES, Maria de. Na senda da inovação tecnológica na Educação a Distância. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, ano 42-2, p. 181-202, 2018.

HARAWAY, Donna. When species meet, por Camila Manguiera. **TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 22, jul./dez. 2020, 209 p.

LEMOS, André. **A tecnologia é um vírus: pandemia e cultura digital**. Porto Alegre: Sulina, 2021.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. SP: Editora 34, 1999.

LEVY, Pierre **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da Informática**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MORESI, Ernesto. **Metodologia da Pesquisa**. Brasília: Ed. Universidade Católica de Brasília, 2003.

MOROZOV, Evgeny. **Solucionismo, nova aposta das elites globais**. Trad. Simone Paz. Ribeirão Preto: Outras Palavras. 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/solucionismo-nova-aposta-das-elites-globais/>>. Acesso em 17 mai. 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém**. 21ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

PALFREY, Jonh.; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais**. Porto Alegre: ARTMED, 2011.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PISCITELLI, Alejandro. **Nativos digitais. Dieta cognitiva, inteligencia colectiva y arquitecturas de la participación**. Argentina: Santillana, 2008.

SANTAELLA, Leandro. A ecologia pluralista das mídias locativas. *Revista da FAMECOS*, n. 37, Porto Alegre, 2018.

SANTOS, Edméa. **Educação online como campo de pesquisa formação: potencialidades das interfaces digitais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

SANTOS, Edméa. **Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação, UFBA, Salvador. 2005.

SAVIANI, Dermeval. **A filosofia na formação do educador**. In: **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas: Autores Associados, 1973.

SILVA, Marcus. **Educación interactiva: enseñanza y aprendizaje presencial y on-line**. Madrid: Gedisa, 2005.